

O TERMO COMUNIDADE VISTO SOB TRÊS VERTENTES: A TEÓRICA, A DA EXTENSÃO DA UCB E A DA COOPERATIVA RECICLO¹

DANILO BORGES DIAS

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo central debater e conceituar sociologicamente o termo comunidade. Para tanto, um arcabouço teórico foi estipulado com base em autores como Bauman (1999, 2001, 2004, 2005, 2006) e Paiva (2003, 2007). Especificamente, analisando as Diretrizes de Extensão da UCB, pretende-se averiguar como o termo é usado na PROEX e, por fim, um apanhado geral juntamente aos catadores da Reciclo foi realizado para conhecer qual era o entendimento deles acerca do termo em questão. De maneira geral, percebeu-se que a teoria oferece um sentido polissêmico para o termo, podendo variar seu entendimento na contemporaneidade entre conotações positivas e negativas. Quando usado pela Extensão, o termo também recebe um recorte classe social, ou grupos socialmente desfavorecidos, em busca de autonomia e desenvolvimento, discutindo e debatendo saberes de maneira horizontalizada. Por fim, no tocante aos catadores, a complexa simplicidade de suas respostas permite aferir que, para eles, independentemente do que o termo signifique, é importante fazer parte de uma comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade. Percepções. Teoria. Extensão da UCB. Reciclo.

ABSTRACT

THE TERM COMMUNITY IS SEEN UNDER THREE STRANDS: THE THEORETICAL, THE EXTENSION OF UCB AND RECICLO COOPERATIVE

This article aims at analyzing the concept of community. Specifically, it goes in two directions. The first is to ascertain how the term is used in the UCB Extension and the second is to investigate how it is perceived by the collectors of Cooperativa Reciclo. Bauman (1999, 2001, 2004, 2005, 2006) and Paiva (2003, 2007) will provide the necessary theoretical support. Then, was carried out a careful reading of the Diretrizes de Extensão da UCB, and finally, a conversation with some leaders addressed the Reciclo – Bourdieu (2007) and Peretz (2004) help us in this part. Conclusively, it was realized that the theme of community is broad and wide, with various connotations, but receives an appropriate focus, clear and directive when used in UCB Extension. For the members of Reciclo, regardless of what the concept and understanding of the academic term for them is important to be part of the Reciclo Community.

KEYWORDS: Concept. Community. Challenges. Extension. Recycle. UCB.

¹ Parceira da Universidade Católica de Brasília, no Projeto de Extensão “A Conquista da Cidadania Por Intermédio do Fortalecimento das Cooperativas de Materiais Recicláveis do Distrito Federal”.

CERCANDO UMA POSSÍVEL POLARIDADE DO CONCEITO DE COMUNIDADE²

“O homem vive mais nos outros que em si mesmo, mais na comunidade do que em sua individualidade. A comunidade representa para o indivíduo a via de construção de sua existência, abrindo possibilidades para (com) partilhar” (PAIVA, 2003, p. 81).

“Há um preço a pagar pelo privilégio de viver em comunidade e ele é pequeno e até invisível só enquanto a comunidade for um sonho. Não ter comunidade significa não ter proteção. Alcançar a comunidade poderá em breve significar perder a liberdade (BAUMAN, 2003, p. 10).

O Dicionário Aurélio (2000, p. 172) oferece um possível norteamento inicial para o entendimento do que é, ou pode vir a ser, uma Comunidade³. Para ele: “Qualidade de comum. Corpo social. Grupo de pessoas submetidas a uma mesma regra ou Lei”. Em consulta a outro dicionário, Le Robert (2008, p. 137), define *communauté* como “grupo social no qual os membros vivem em conjunto, partilhando dos mesmos interesses”⁴. Já a Enciclopédia Temática Universalis (2004, p. 2182), não de forma excludente com relação às duas primeiras definições e apesar de começar dizendo o que não é uma comunidade, dá um encaminhamento mais específico e direcionado para as ciências sociais, iniciando sua explicação na afirmativa de que:

² É tarefa de difícil realização falar de comunidades sem relacioná-la com temas que vem à reboque, como identidade, minorias, nacionalidade, etnia, etc. No entanto, para esse momento nos ataremos ao enfoque exclusivo de definição do que entendemos como tal e sua vinculação à extensão universitária.

³ Utilizaremos a partir de agora o uso do termo em maiúsculo.

⁴ Original: Groupe social dont les membres vivent ensemble, ou ont des intérêts communs.

Nem todo agrupamento de pessoas constitui necessariamente uma comunidade⁵. A unidade de lugar e de tempo não são suficientes para criarem e definirem o que é uma comunidade. A presença em um conjunto de indivíduos que possuem algo em comum não indica, necessariamente, a participação em uma comunidade. A comunidade se diferencia claramente de uma mera junção de pessoas. A comunidade é a ligação de relacionamentos profundos de pessoas à normas e à valores conjuntos e vivência em um mesmo sistema de atividades (profissional), estabelecendo um modo de comunicação próprio que dá aos seus membros a capacidade de exercer influência e solidariedade recíproca⁶.

Mais adiante, Sodré (2007) coloca que uma Comunidade não se caracteriza pelo mero “estar junto num território”, mas sim pelo intrínseco e imbricado compartilhamento de ônus e bônus, advindos das relações sociais

⁵ Esse agrupamento Dias (2010) classificou com Coletividade, denominando um “amontoado” humano que compartilha laços sim importantes, mas incapazes de proporcionar um sentimento comunitário. Para um melhor detalhamento, averiguar a situação dos migrantes bolivianos em São Paulo, na qual o fator nacional é o único elemento agregador de todos, mas incapaz de proporcionar laços mais profundos, de fato, comunitários. Os laços comunitários são constituídos, naquele cenário, por outros elementos como a classe social, o Departamento no país de origem, a profissão exercida e os atos de solidariedade exercidos em unidades menores, denominadas de comunidades, que existem dentro da coletividade ampla regida pelo “Teto Nacional”, termo alcunhado por Gellner (1983 apud HALL, 2006).

⁶ Original: Tout regroupement de personnes ne constitue pas nécessairement une communauté. L'unité de lieu et de temps ne crée pas automatiquement l'unité sociale dénommée communauté. La présence dans un ensemble dont tous les individus ont quelque propriété en commun n'inque pas nécessairement la participation à une communauté. Dans la communauté il y a des plusieurs relations établies entre les membres. La liaison se constitue par l'adhésion à des normes et à des valeurs communs et à la participation conjointe à un même système d'activités (groupes de travail), l'établissement d'un mode de communication donnant aux membres du groupe la capacité d'exercer une influence et solidarité réciproque.

e emocionais geradoras de “dívidas simbólicas” entre os seus comuns, dispendo-se a estipular horizontes e limites compartilhados em um mundo específico, não necessariamente, conectado por uma faixa contínua de terra. Acerca disso, há uma concepção clássica de comunidade usada, grosso modo, por Tönnies (1855-1936), Ernest Gellner (1925-1995), Benedict Anderson (1936), entre outros que classificam e usam-no com base na formação dos Estados-Nação, considerando a Comunidade em um contexto ligado essencialmente à soberania territorial enviada pela perspectiva nacional. Tal visão é atualíssima e de grande utilidade, mas que pode ser complementada por outras perspectivas que têm como pano de fundo não somente a formação dos Estados Modernos, mas agrupamentos urbanos que se forma no interior destes mesmos Estados. Fora isso, há outros entendimentos que assinalam uma Comunidade como sendo um grupo que pode, inclusive, não partilhar de laços geográficos contínuos, elevando o estudo do termo para um patamar de maior complexidade.

Paiva (2003) assinala que quando nos propomos a falar de Comunidade precisamos ter noção do que o termo representa historicamente, pois é possível encontrá-lo desde o pensamento platônico, passando pela filosofia medieval, com marcas profundas na moral cristã, possuindo traços marcantes no romantismo alemão e, principalmente, com desdobramentos cabais na atualidade. E é essa atualidade, dita “pós-moderna e líquida”⁷ por Bauman (2006) substituidora de uma “modernidade sólida” (2005), que colabora para criações de sensações como o medo, difuso, disperso e

capaz de assumir várias formas e contornos nos cenários contemporâneos das cidades⁸. O medo, para Bauman (1999, 2001, 2005, 2006) é um dos elementos amorfos que “empurra” e, mesmo que paradoxalmente, “encoraja” as pessoas a buscarem “lugares seguros”, lugares nos quais ainda se encontrem elementos de solidariedade e que esta não seja substituída pela competição, na qual os indivíduos não se sintam “abandonados e entregues à 'própria sorte’”. Em suma, lugares onde se partilhe sonhos, esperanças e laços “comuns e unitários”. A Comunidade, em tempos de desconfiança, medo e competição, pode soar como uma “música apaziguadora” para aqueles que procuram segurança (BAUMAN, 2001). Em uma comunidade, pode-se contar com a boa-vontade dos outros, pois nela encontra-se um espaço cálido, um lugar confortável que é, em suma, é um lugar aconchegante e que, principalmente, sugere coisa boa (id).

Em suma, lugares onde se partilhe sonhos, esperanças e laços “comuns e unitários”.

Concomitantemente a isso, Paiva (2003, p. 87-88) destaca que, nesse cenário, para o indivíduo:

A necessidade de pertencimento à comunidade significa também o seu enraizamento no cotidiano do outro, bem como o conhecimento de sua própria existência. Ou seja, (com)partilhar o espaço, existir com o outro funda a essência do ser, sendo possível perceber-se na medida em

⁷ Boa parte da obra de Bauman é marcada pela expressão “Líquida (o)”, que dá sentido às metamorfoses sofridas pelas sociedades como um todo. Percebe-se nisso uma expressa influência de Martin Heidegger nas afirmações de Bauman. Uma das obras do autor alemão que influenciou o autor polonês na perspectiva “líquida” é “A Coisa” (1950) (ESPÓSITO, 2007).

⁸ À guisa de ilustração, usaremos a definição de Santos (2006) para pós-moderno como sendo o nome dado às mudanças ocorridas nas ciências, nas artes e na sociedade, de uma maneira em geral, a partir de 1950. Há outras definições mais profundas e, até mesmo, contraditórias quando comparadas com a do autor em questão.

que se descobre pelo olhar de um interlocutor teoricamente igual. Além disso, relacionar-se pressupõe o cumprimento e uma série de papéis, porque, vivendo em comunidade, o indivíduo pode nomear-se como irmão, pai, filho (catador – cooperado)⁹ de uma determinada família e, portanto, possuidor de um elenco determinado de características físicas, genéticas, comportamentais e morais para lidar em um mundo, em certas ocasiões, que não se apresenta amigável ou confiável. Na relação comunitária o indivíduo, ao partilhar da existência, se reconhece na vida do outro.

Paiva (id.) assinala que é nesse reconhecimento mútuo proporcionado pela vida em comunidade que se elegem as comunhões e partilhas de ideais, sonhos, frustrações, medos, esperanças, amigos e, também, inimigos que surgem em meio às incertezas da vida urbana pós-moderna¹⁰. A esse respeito, Bauman (2005) declara que as conjunções comunitárias, ou seja, as vivências somente com os iguais dentro de uma perspectiva urbanisticamente pensada, nada mais são do que frutos das relações de confiança e medo nas cidades contemporâneas. Nesses cenários urbanos atuais são proporcionados encontros frequentes entre as “diferenças”, sejam estas de nativos com migrantes, de ricos com pobres, de heterossexuais com

homossexuais, de acadêmicos com operadores do senso comum, catadores de materiais recicláveis com universitários, entre outras questões encontradas quando lançamos um olhar mais cuidadoso direcionado à realidade¹¹. São nesses encontros entre “iguais” e “diferentes” que estão por aí, rondando na cena urbana que se dá o impulso que oferece o entendimento de comunidade, sim, como um lugar de aconchego, mas também como uma possibilidade de:

Retirada em busca de refúgio e não contato com o Outro. A Comunidade pode, com isso, ser vista como uma negação à alteridade que existe fora dela, simbolizando um real empenho em fechar-se ao mundo. A Comunidade é viva, embora turbulenta, fortalecedora, embora incômoda. A atração que uma comunidade de iguais exerce é semelhante a uma apólice de seguro contra riscos que caracterizam a vida cotidiana em um mundo multifocal. Não é capaz de diminuir os riscos e menos ainda evitá-los. Como qualquer paliativo, nada promete além de uma proteção contra alguns de seus efeitos mais imediatos e temidos, que é o contato com o que não pertence à comunidade de semelhantes (BAUMAN, 2005, p. 44)¹².

Contudo, merece destaque que os laços encontrados nos “grupos comuns” estão sempre, como destaca o autor (2005, p. 29), “em formação” constante e contínua, com processos de negociação e, também conflitos internos. A ideia de encarar uma Comunidade como sendo um paraíso perdido e que se

⁹ Grifo nosso.

¹⁰ Um dos reveses quando se estuda o tema em questão é que a formação de uma comunidade pode ser voluntária, de dentro para fora, na qual há o desejo das pessoas em se organizarem a compartilharem como iguais. Por outro lado, a formação de uma comunidade pode responder a fatores exógenos e compulsórios, no qual uma identidade específica pode ser atribuída a um grupo específico e, mesmo que esse grupo não se enxergue como tal, se vêem forçados a formar uma comunidade (APPADURAI, 2006), (HOBSBAWN, 2003), (CASTELLS, 2008), (HALL, 2006, 2009), (BARTH, 1996), (BAUMAN, 1999, 2001, 2005), etc. Esse não é foco das nossas preocupações, mas vale o registro da riqueza de vertentes que a temática oferece, assim como a quantidade de autores que pensam a temática.

¹¹ Tais recortes, admitimos, são insuficientes para descrever a complexidade da realidade tal como se apresenta aos nossos olhos, mas são úteis para recortes teóricos.

¹² O autor cria o termo *mixofobia* que serve para indicar o temor de mistura com outros que não são da comunidade, seja ela qual for. Nas grandes cidades, corpus das análises de Bauman, isso é inevitável.

busca a plena felicidade e realização não passa de um devaneio humano. É o que destaca Maffesoli (2004) quando situa que uma “comunidade” sempre vive na tensão entre o que é e o que deveria ser. O lugar de aconchego, sim, também pode se tornar o lugar da intolerância, o relacionamento somente entre os iguais pode dificultar o diálogo e a abertura ao diferente, perspectiva inerente à vida cidadina e urbana pós-moderna. Acerca disso, Bauman (2005, p. 47) cita que:

Quanto mais tempo se permanece num ambiente uniforme (em companhia de outros como nós, com os quais é possível se socializar sem correr o risco de mal-entendidos e sem precisar enfrentar a amolação de ter que traduzir um mundo de significados) mais é provável que se desaprenda a arte de negociar significados e a substituição de um *modus operandi* para um *modus convivendi*.

Nancy (1992, apud PAIVA, 2003), vai ainda mais longe quando analisa o conceito de e criticando a ideia de que mundo ocidental “se perdeu na história” e deixou suas “raízes comunitárias”, ocasionando uma perda histórica do Homem consigo próprio, não mais se reconhecendo estes como semelhantes. Essa ideia compactua com a hipótese de que o Mundo Ocidental somente “reencontrará” seu caminho de desenvolvimento humano quando a perspectiva de “pensar em comunidade” for resgatada. A autora critica essa possibilidade afirmando que se há algo que foi perdido há muito tempo pelo Mundo Ocidental, não foi a perspectiva comunitária, mas sim, a crença de que um dia o Homem se viu como um real semelhante de outro Homem. Para ele, a junção comunitária somente acirra os ânimos

entre os diferentes e ocasiona tensões com desencontros civilizatórios¹³.

“A ideia de encarar uma Comunidade como sendo um paraíso perdido e que se busca a plena felicidade e realização não passa de um devaneio humano.”

Ou seja, nesse sentido, não há benefícios cálidos e lugares ótimos para se estar em companhia de outros que, pretensamente, se encaram como iguais. Se há iguais, complementa o autor, é somente para esta seja a marca destes com os desiguais, que são os outros – em uma disputa eterna e fracionada dizendo quem somos “nós” e quem são os “outros” dentro dos espaços sociais urbanos contemporâneos. Com isso, percebe-se que o debate das bases conceituais e descritivas do que é uma comunidade pode ir muito mais além do que as breves linhas expostas. O que se quer ressaltar, no fechamento dessa primeira parte, é que a temática é cheia de reverses e imbricada com outros termos tão importantes quanto os aqui descritos, podendo ocasionar uma ambivalência de sentidos e direcionamentos distintos, inclusive com conotações boas e ruins.

O USO DO TERMO COMUNIDADE NA EXTENSÃO DA UCB

...À Extensão cabe a função de criar meios para socializar tal conhecimento (produzidos na pesquisa) com a COMUNIDADE interna, na forma de ações COMUNITÁRIAS, e com as

¹³ Huntington (1999) nos anos de 1990 apregoou tal possibilidade de encarar dois projetos distintos de mundo que, fatalmente, iriam se colidir, tendo como viés principal a perspectiva religiosa.

COMUNIDADES externas, em forma de projetos sociais que visem ao seu desenvolvimento e autonomia (DIRETRIZES DE EXTENSÃO, p. 25)¹⁴.

O documento conhecido como Diretrizes de Extensão (2009), aprovado pelo Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão (CONSEPE) em vinte e oito de maio desse mesmo ano, é a proposta institucional de se pensar a Universidade Católica de Brasília como uma instituição na qual a temática extensionista seja um eixo transversal que perpassa toda a UCB (extensionalidade), indissociando tal termo do Ensino e da Pesquisa. O intuito é direcionar e conferir unidade intrínseca à criação, sistematização e acessibilidade do conhecimento por intermédio dos três pilares (Ensino Pesquisa e Extensão) dialogando intensamente entre si o tempo todo (p.18). Tal indissociabilidade, complementa o documento, acontece “no momento em que se estimula a disposição de sujeitos para ensinar e aprender, exercitar a pesquisa e atuar de forma ética” (id.)¹⁵. Mais adiante, ao se reportar às “atividades de Extensão específicas”, quando se fala das características que identificam as atividades típicas daquele segmento, no item “d”, há menção para “apoiar os grupos e comunidades envolvidos para que possam ter subsídios para realizarem sua autoanálise e, conseqüentemente, sua autogestão” (p. 31)¹⁶. É dessa forma que se pensa uma interatividade entre o saber acadêmico e o saber popular existente nas comunidades, que tem seu entendimento, também baseado em um recorte de classe, ao menos assim

¹⁴ Grifo nosso.

¹⁵ Outra forma de definição do que poderia ser entendido por “Universidade em Extensão”, no documento citado, seria o entendimento dado pelo próprio instrumento de que a Extensionalidade é o ato de “todas as unidades de aprendizagem serem convocadas a fazer a pergunta ética e política de suas atividades” (p.26). As “unidades de aprendizagem” são entendidas como todo e qualquer espaço de difusão/troca de conhecimentos, seja em uma sala de aula da graduação ou da pós, uma unidade administrativa, etc. (p.29).

¹⁶ Grifo nosso.

interpretamos a vivência na Extensão, quando esta se lança em seus projetos e programas tematizados por diversas categorias que se recortam e se definem em populações socialmente vulneráveis.

Mas afinal de contas, o que tal documento fala acerca de comunidade?¹⁷ Pode-se dizer que fala muito, em todos os sentidos. Em termos de páginas, as Diretrizes foram impressas em trinta e nove e o termo “comunidade(s)”, assim como suas variações (comunitária-s-o-s), aparece, precisamente, quarenta e uma vezes. Nas Categorias das “Práticas de Extensão da UCB” encontra-se a “Extensão como uma Ação Comunitária”, que se conceitua como “a realização de projetos acadêmicos junto à comunidade externa, com ênfase nos processos de inovação, de desenvolvimento sustentável e justiça social (DIRETRIZES DE EXTENSÃO, p. 35-37)¹⁸. Ou seja, podemos perceber que a perspectiva do uso do termo passa, também, pela tentativa da ação que vise equilibrar as relações sociais em diversos aspectos (econômico, político, bem-estar, etc.). Isso pode ser percebido na prática do dia a dia por intermédio dos diversos projetos existentes nas três Diretorias da Pró-Reitora de Extensão que, inclusive, alguns levam a expressão “comunidade” em seus nomes oficiais como são as Comunidades Educativas, Comunicadores e Comunidades, Produção de Vermicomposto Para Doação à Comunidades Carentes, Assessoria de Comunicação Comunitária, Hortas Comunitárias, Inclusão Digital em COMUNIDADES Parceiras, Saberes e Saúde na Comunidade Estrutural, sem falar em na Diretoria de Programas Comunitários, que é o ponto de congruência entre todos esses

¹⁷ O documento não define precisamente, ou em termos teóricos, o seu entendimento por “comunidade”. Mas isso, pensamos, não impossibilita de que extraiamos possibilidades claras de entendimento e emprego do termo no correr de sua leitura.

¹⁸ É nessa vertente que está localizado o “Projeto Catadores”, ao qual nos reportaremos mais adiante no intuito de saber o que os membros da Cooperativa Reciclo pensam acerca do que é uma Comunidade.

projetos, abarcando outros com vertentes diferentes, mas com o mesmo estigma da promoção da justiça social. É aqui, onde entra o projeto de extensão nascido no curso de Serviço Social, conhecido como “Catadores”, que atua há cinco anos com a Cooperativa Reciclo, um grupo de catadores de materiais recicláveis que, antes de constituir-se em uma cooperativa, vivia em situação de rua. O Projeto:

Tem como objetivo a construção da cidadania como compromisso de integração social. Dessa forma, observa-se a Universidade como espaço para construção do conhecimento, e ao mesmo tempo propositor de ações e reflexões sobre a realidade da COMUNIDADE. Nesse sentido, o desenvolvimento de ações voltadas para o fortalecimento da cidadania e dos trabalhadores e trabalhadoras que fazem da coleta e venda de materiais recicláveis seu meio de sobrevivência e de suas famílias é de extrema relevância uma vez que pertencem a um segmento produtivo que, embora realizem uma atividade de alto impacto ambiental, ainda não alcançaram o reconhecimento e a valorização social compatíveis. De fato, a maioria dos trabalhadores que sobrevivem da reciclagem de materiais vivem em estado de pobreza extrema. Todavia, cabe salientar que as necessidades desse segmento vão além da pobreza material, envolvendo uma gama de outras necessidades. Entre elas, destaca-se a preocupação com sua organização produtiva (como cooperativados), ampliando assim, sua condição como sujeitos capazes de desempenhar um papel relevante na sociedade. Em função de suas atividades resultarem em qualidade de vida para a sociedade, já que proporcionam a coleta de materiais recicláveis que de outra forma se

amontoariam em lixões ou permaneceriam poluindo a cidade, este trabalho se torna ainda mais importante (PROJETO CATADORES, 2011).

“**Dessa forma, observa-se a Universidade como espaço para construção do conhecimento, e ao mesmo tempo propositor de ações e reflexões sobre a realidade da COMUNIDADE.**”

Ao todo a cooperativa é composta por cinquenta membros que compõem, aproximadamente, quarenta famílias, totalizando, aproximadamente duzentas pessoas que formam a, então, Comunidade Reciclo. Assim, percebe-se que o termo “Comunidade” é usado amiúde e com propriedade na Extensão da UCB e em seus projetos comunitários, com uma segmentação clara que pode ser (sub)entendida, fechada e sintetizada na perspectiva assinalada pelas próprias Diretrizes de desenvolvimento dialógico conjunto entre Universidade e sociedade – sociedade composta, também, por entidades como a Cooperativa Reciclo. Mas afinal, o que essas pessoas pensam acerca do termo “comunidade”? Como definem e como se sentem dentro de uma *comum unidade*? Será que se sentem mais seguros e mais confortáveis? Tentemos averiguar agora o que eles pensam acerca disso.

O QUE DIZ A COOPERATIVA RECICLO¹⁹

¹⁹ Essa etapa do artigo nasceu de conversas esporádicas com as lideranças da cooperativa. Naquelas ocasiões, o tema surgia quase que marginalmente, mas sempre como um ponto de curiosidade para nós, influenciados e provocados,

“Masoxente meu filho, é claro que a gente é uma comunidade. Muitas das vezes o *pau quebra*, mas no fim a gente sempre se entende!” (COOPERADO A)²⁰.

“Cada um sabe as dores e as delícias de ser o que é” (CAETANO VELOSO).

Não há o que negar no viés sociológico escolhido para o desenvolvimento do conteúdo proposto nesse estudo. No entanto, o próprio Bauman (2004) a classifica como uma disciplina não independente dos outros campos do conhecimento, mas que oferece ferramentas úteis para analisar narrativas sociais. Já Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2007) destacam que é essa captura e sistematização das narrativas que distingue o fazer acadêmico (sociológico) solto das observações *vulgares* lançadas sobre o mundo²¹. Tal fazer acadêmico não pode desprezar as formas originais em termos linguísticos que surgem nas comunidades, mas sim, estar atento a tudo que ocorre nesta linguagem espontânea para posteriormente sistematizar cientificamente. A esse respeito, afirmam os autores:

A sociologia é uma ciência, que como outras, se estabelece entre a experiência erudita e a **experiência ingênua**.... É herança de palavras, herança de idéias... A linguagem corrente, **que pelo fato de ser corrente, passa despercebida, contém, em seu vocabulário e sintaxe toda uma filosofia petrificada do social sempre pronta para a ressurgir das**

principalmente, pela observação de Hobsbawn (2003), de que o termo estava sendo vulgarizado e sem sentido.

²⁰ O Cooperado A, uma das principais lideranças da Comunidade Reciclo, quando indagado se ele se via dentro de uma comunidade. Por motivos éticos, não revelaremos os nomes dos entrevistados.

²¹ Merece destaque que o termo “vulgar” não é depreciativo. Trata-se, tão somente, de uma expressão que dá sentido, nesse contexto, não sistematizada cientificamente. É um sinônimo de senso comum.

palavras comuns ou das expressões complexas construídas com palavras comuns que, inevitavelmente, são utilizadas pelo sociólogo (BOURDIEU, CHAMBOREDON & PASSERON, id, p.32)²².

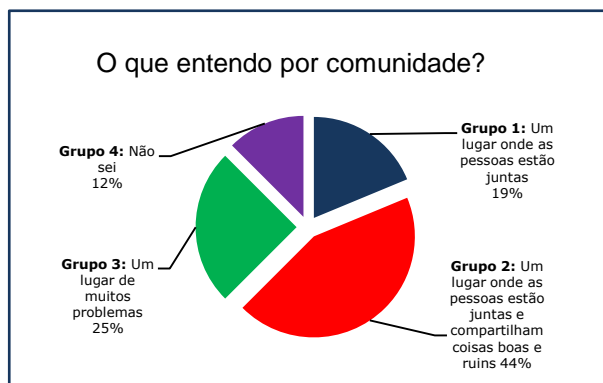
Peretz (2004) defende que, para capturar narrativas, é necessário observar o “objeto a ser conhecido” com base em quatro cuidados básicos: o primeiro é estar em meio aos observados; O segundo é observar os desenvolvimentos do cotidiano das pessoas; O terceiro é tomar nota do que é percebido no dia a dia; O quarto é interpretar sociologicamente as narrativas observadas de como essas pessoas encaram a si mesmas. A priori a intenção foi essa. Ou seja, tentou-se “capturar as narrativas” de um cotidiano dos cooperados da Reciclo com relação ao que pensam sobre comunidade.

Foi, em última instância, tentar fazer emergir da “experiência ingênua” e não sistematizada academicamente toda aquela “sintaxe e filosofia petrificada que emergem das palavras comuns”, valendo-se de cinco perguntas assim pensadas: Questão 1: o que você entende pelo termo “comunidade”? Questão 2: você pertence a alguma comunidade? Questão 3: quais são os sentimentos e sensações que você tem quando está em uma comunidade? Questão 4: a Reciclo é uma Comunidade? Justifique sua resposta? Questão 5: no geral, é bom fazer parte de uma comunidade²³? Foram ouvidas quinze pessoas que tem representação dentro do grupo maior e suas respostas foram agrupadas em quatro categorias abaixo descritas. Dessa forma, a sistematização dos dados ficou assim distribuída:

²² Grifo nosso.

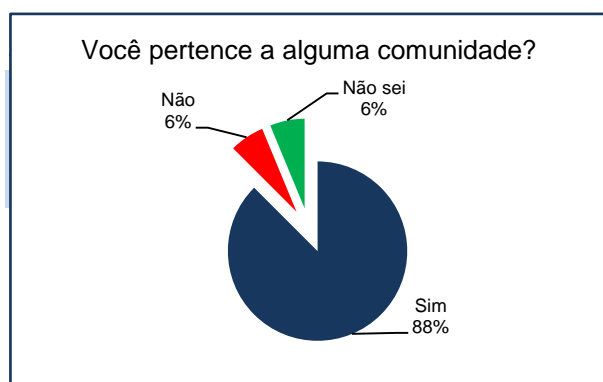
²³ A questão dois e quatro podem, concomitantemente se anular. No entanto, ao mesmo tempo, temos consciência que elas podem abrir novos horizontes de análise se o entrevistado disser que participa mais em mais de uma comunidade.

QUESTÃO 1



As respostas obtidas do Grupo 1 correspondem ao entendimento essencialmente geográfico de comunidade, compartilhada pelos autores clássicos como Gellner, Tönnies, Anderson e etc. Já os Grupos 2 e 3 oferecem possibilidades de entendimentos mais próximos aos de Bauman (1999, 2001, 2004, 2005, 2006) e de Paiva (2003, 2007). Ou seja, para ambas as categorias, a definição de uma comunidade extrapola a perspectiva meramente geográfica. Para ambas, há um entendimento, seja bom ou ruim, de que fazer parte de uma comunidade é ir além de estar em uma unidade geográfica comum. Para esses dois grupos, há mais coisas que unem e, até, que podem separar. O Grupo 4 não deixa de ser um grupo importante por, simplesmente, “não saber” expressar seu entendimento. Muito pelo contrário, mostra um percentual que, provavelmente, não extraiu, possivelmente, nenhuma reflexão da temática ou que, no momento da conversa não conseguiu ou não quis opinar. Na verdade, esse grupo abre um novo e profundo leque de análises, mas que ficará para uma próxima oportunidade de explanação²⁴.

QUESTÃO 2



A segunda pergunta, muito direta, indaga se o questionado pertence a alguma comunidade. De maneira acachapante, dos quinze questionados, oitenta e oito por cento afirmaram que sim, pois o fato de estarem na Reciclo era um exemplo de pertencerem a uma comunidade. Outras respostas vieram no sentido de afirmar que o fato de, no passado, terem sido moradores de rua faziam deles uma comunidade. Outros diziam que os vizinhos no Riacho Fundo II os consideravam “comunidade de lixeiros e vagabundos”. Uma vez mais, tudo isso é revelador e coincide muito com o que diz o marco teórico levantado por nós nas linhas supracitadas. Ou seja, a perspectiva identitária e de atribuição vinda de fora são perspectivas latentes quando nos reportamos ao conceito de comunidade. O dado mais curioso dessa questão, com relação à passada, é que parte dos que responderam que não entendiam nada do conceito de comunidade afirmaram que pertenciam a uma, mesmo sem saber do que se tratava. Isso demonstra a complexidade das pesquisas de cunho qualitativo²⁵. Uma pessoa respondeu que “não” pertence a uma comunidade. Nossa curiosidade foi maior e decidimos indagá-la se fazer parte da Reciclo não era fazer parte de uma comunidade e sua resposta foi: “os

²⁵ Bourdieu, Chamboredon e Passeron (id.) alertam acerca das diferenças entre o que as pessoas pensam para o que as pessoas fazem, demonstrando que há instrumentos de aplicação que permitem minimizar tais comportamentos. Peretz (2004), da mesma forma, assinala que nas aplicações de questionário o pesquisador precisa contar com a dose de diferença e lapso das práticas dos entrevistados com suas falas, propositais ou não: “Les personnes peuvent formuler des réponses contraires à leur comportement habituel (PERETZ, 2004, p.12).

problemas e as confusões aqui são tantos que nem parece que é uma comunidade unida”²⁶.

QUESTÃO 3²⁷



Essa questão, assim como a de número um, revela respostas possíveis de cruzamentos fecundos com o marco teórico criado. Na comunidade percebida pelos catadores há partilhas muito maiores do que um mero pedaço geográfico. Sentimentos/sensações boas e ruins demarcam que pertencer a uma comunidade é compartilhar todos os tipos de questões possíveis.

QUESTÃO 4



Definitivamente sim. Independente de qualquer coisa, dos quinze entrevistados,

²⁶ É uma fala rica e com potencial para aprofundar. No entanto, para os nossos objetivos momentâneos já nos satisfaz tal resposta.

²⁷ Para essa questão, consideramos a exclusividade das respostas considerando a participação na Comunidade Reciclo.

treze afirmaram que a Reciclo é sim uma comunidade. Um disse que não (acreditamos que essa resposta possa ter várias interpretações como o entendimento de que uma comunidade é somente uma coisa boa). Mas outros entendimentos são possíveis. As justificativas são interessantes e tentaremos descrevê-las. Algumas pessoas que responderam “sim” justificaram que:

A Reciclo é uma comunidade por estar junta caminhando há tanto tempo e a solidariedade é o que marca essa caminhada, pois novos membros vão sendo agregados no correr dos anos. Alguns deles, no início, sequer conhecemos direito, mas o que conhecemos mesmo é a dor de morar na rua e tomar “cacetada” do Bope e ter os nossos barracos destruídos, como acontecia na invasão. Isso nos une, independente da gente ter nascido e se criado junto (COOPERADO B).

Já o Cooperado A, que abriu a epígrafe dessa última parte do trabalho foi mais longe, afirmando:

Se a Reciclo é uma comunidade?! Mas “oxente” meu filho é claro que a gente é uma comunidade. Muitas das vezes o “pau quebra”, mas no fim a gente sempre se entende. E tem mais, os catador (sic.) de Brasília são uma comunidade. Tem muita briga? Tem. Tem muita disputa? Tem. Mas a gente se une quando precisa e isso faz não só da Reciclo, mas das outras cooperativas uma só comunidade com várias comunidadezinhas (risos) (COOPERADO A).

O Cooperado A com sua fala simples e, ao mesmo tempo, profunda, destaca elementos que dão a tônica comunitária como algo além da perspectiva territorial e como um espaço não somente cálido ou aconchegante

mas, também, de disputas e problemas. Acreditamos que as ideias de pensadores clássicos como Bauman, Paiva e Bourdieu estão claramente presentes na fala “rústica e vulgar” desse cooperado.

QUESTÃO 5²⁸



A última questão propõe uma perspectiva reflexiva, não somente por conta da maioria das respostas (dez de quinze) que sinalizou, positivamente, quando indagada se era bom fazer parte de uma comunidade, mas muito mais pelo que disseram “às vezes” (dois de quinze), categoria, inclusive, não prevista pelo pesquisador e inserida logo após certa repetição e incidência por parte dos entrevistados. Tal resposta pode ser pensada em uma perspectiva afirmativa, por se tratar obviamente de uma resposta, mas também pode ser explorada em outras direções mais reflexivas, abrindo brechas para outras pesquisas que queiram saber quais são as ocasiões mais interessantes para se fazer parte de uma comunidade e quais ocasiões não interessantes. Os que também responderam negativamente à pergunta podem ser ajustadas ao pensamento de Bauman (2002) que viver dentro de uma comunidade por muito tempo pode, sim, despreparar as pessoas para o convívio com o diferente. De fato, é uma nova

²⁸ Simplesmente nos interessava, nesse momento, saber se era bom ou não fazer parte de uma comunidade. Não nos aprofundamos nos motivos das respostas, pois pensamos que a questão número quatro já nos dava algumas pistas acerca disso.

perspectiva que se abre e uma nova dimensão de se encarar a relação dentro e fora de uma comum unidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo Comunidade permanece vivo e pulsante, seja em qual direção for, ele apresenta possibilidades intensas de análises e aplicações. O conhecimento científico e o senso comum empregam a terminologia em diferentes perspectivas e defende-se que todas elas são válidas. A polissemia do termo não o aprisiona e, muito pelo contrário, o liberta, possibilitando, quem sabe, o seu uso democrático e não aprisionado por uma pretensa “verdade científica”. Dessa forma, no tocante aos nossos objetivos, sem a menor pretensão de esgotar, conseguimos elaborar um panorama teórico que dá margem para diferentes concepções e tratamentos do termo Comunidade, optando em apontar, nesse momento, pelas polaridades que o tema por si só sugere, indo muito além de um tratamento embasado pela perspectiva nacional do termo em si. Especificamente, foi observada a amplitude de como a Extensão da UCB trabalha a temática no correr de suas Diretrizes, perpassando o significado em diferentes direções que culminam em um entendimento de conectividade com grupos, em alguns casos, socialmente vulneráveis, como são os cooperados da Reciclo, buscando seu desenvolvimento e autonomia. Por último, foi averiguado como esses mesmos cooperados se percebem dentro do processo como um todo. As questões elaboradas, aplicadas e analisadas serviram de parâmetro para observarmos como o pensamento dos entrevistados se conecta, em algum ponto, com o dos diversos autores aqui relacionados. De uma maneira mais particular, na questão cinco, em concordância com Bauman, percebemos que, independentemente do rumo que vá o entendimento de comunidade, para os catadores da Reciclo, é importante fazer parte de uma.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. **O medo ao pequeno número: ensaio sobre a geografia da raiva**. Tradução Ana Goldberger. São Paulo: Editora Iluminuras, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1999.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

_____. **Identidade**. Entrevista à Benedetto Vecchi. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2004.

_____. **Confiança e medo na cidade**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

_____. **Medo líquido**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

BOURDIEU, Pierre. CHAMBOREDON, Jean-Claude. PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo: metodologia de pesquisa na sociologia**. 6 ed. Tradução Guilherme João de Freitas Teixeira. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Volume 2. 6 ed. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

DIAS, Danilo Borges. **Mídia, migração e identidade(s): as rádios bolivianas de São Paulo**. Dissertação de Mestrado. Dezembro de 2010.

DICIONÁRIO AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA. 4 ed. revista e ampliada. Editora Nova Fronteira, 2000.

DIRETRIZES DE EXTENSÃO – UCB. Série UCB Planejamento e Gestão. Brasília: Editora Universa, 2009.

ENCICLOPÉDIE THÉMATIQUE UNIVERSALIS. Sciences Humaines. 13. Editora Promotion Press Mediaset, 2004.
ESPÓSITO, Roberto. Nihilismo e comunidade. In: PAIVA, Raquel (ORG.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

HOBBSBAWN, Eric. **A era dos extremos**. 3 ed. Tradução: Francisco Giacomo. Rio de Janeiro: Editora Companhia das Letras, 2003.

HUNTINGTON, Samul. **The clash of civilizations**. New York. American Press, 1999.

LE ROBERT. Dictionaire de Langue Française. Edition de poche (mise a jour). Editora Le Robert, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **A comunidade localizada**. IN: DRAVET, Florence. CASTRO, Gustavo. Sob o céu da cultura. Brasília: Editora Casa das Musas, 2004.

NANCY, Jean-Luc. La comunità inoperosa. 1992 In: PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2003.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2003.

_____. (ORG.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social.** Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007.

PERETZ, Henri. **Les méthodes en sociologie: L'observation.** Nouvelle Éditions. Paris: Editora La Decouverte, 2004.

PROJETO CATADORES. Universidade Católica de Brasília. Pró-Reitoria de Extensão. 2011.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno.** Coleção Primeiros Passos 165. São Paulo: Editora Brazeiliense, 2006.

SODRÉ, Muniz. Prefácio ao retorno da comunidade. In: PAIVA, Raquel (ORG.). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social.** Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2007.